



Leão XIV: é prioridade para a Igreja Católica a plena comunhão entre todos os batizados

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

A celebração dos 1.700 anos do primeiro Concílio de Niceia, realizado em 325, no qual os cristãos reafirmaram a fidelidade às Sagradas Escrituras e à Tradição de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, da mesma natureza de Deus Pai, e a explicitaram no “Credo Niceno-Constantinopolitano”, conhecido como Símbolo dos Apóstolos, foi a motivação principal para a 1ª viagem apostólica internacional de Leão XIV, à Turquia, entre 27 e 30 de novembro. O Santo Padre esteve ainda no Líbano, até a terça-feira, 2, onde fez fortes apelos pela paz no Oriente Médio e falou sobre a esperança de dias melhores, especialmente aos jovens (leia detalhes na página 3 deste caderno especial).

“Desejo confirmar que, em continuidade com o que foi ensinado pelo Concílio Vaticano II e pelos meus predecessores, perseguir a plena comunhão entre todos os que são batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no respeito pelas legítimas diferenças, é uma das prioridades da Igreja Católica, em particular do meu ministério de Bispo de Roma, cujo papel específico em nível da Igreja universal consiste em estar a serviço de todos para construir e preservar a comunhão e a unidade”, disse Leão XIV em seu último discurso na Turquia, no domingo, 30.

ENCONTRO DE ORAÇÃO EM IZNIK

O momento mais emblemático da viagem apostólica à Turquia ocorreu

na sexta-feira, 28, quando em Iznik – antiga Niceia –, situada a 130 quilômetros de Istambul, o Santo Padre participou de um encontro ecumênico de oração (foto acima) por ocasião dos 1.700 anos do primeiro Concílio de Niceia nas proximidades das escavações arqueológicas da antiga Basílica de São Neófito. Também lá estiveram o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, metropolitas e vários líderes religiosos, chefes das Igrejas e representantes das comunhões cristãs mundiais. Juntos, eles rezaram o Credo Niceno-Constantinopolitano.

O Santo Padre destacou que a fé “em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos [...] consubstancial ao Pai” (Credo Niceno) é um vínculo profundo que une todos os cristãos e, assim, todos são chamados a superar o “escândalo das divisões” e alimentar o anseio pela busca da unidade.

“Quanto mais nós, cristãos estivermos reconciliados tanto mais poderemos dar um testemunho crível do Evangelho de Jesus Cristo, que é anúncio de esperança para todos, mensagem de paz e de fraternidade universal que ultrapassa as fronteiras das nossas comunidades e nações”, afirmou o Papa, destacando, ainda, que “o uso da religião para justificar a guerra e a violência, assim como qualquer forma de fundamentalismo e fanatismo, deve ser rejeitado com veemência”.

DECLARAÇÃO CONJUNTA EM BUSCA DA PLENA COMUNHÃO

No sábado, 29, no Palácio Patriarcal, em Istambul, Leão XIV e Bartolomeu I assinaram uma declaração conjunta, reafirmando a continuidade da busca de um caminho para a plena comunhão das duas Igrejas irmãs.

“Seguindo o exemplo dos nossos veneráveis predecessores e obedecendo à vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo, continuamos a caminhar com firme determinação na via do diálogo, no amor e na verdade (cf. Ef 4,15), rumo à tão esperada restauração da plena comunhão entre as nossas Igrejas irmãs. Conscientes de que a unidade cristã não é simplesmente o resultado de esforços humanos, mas um dom que vem do alto, convidamos todos os membros das nossas Igrejas – clero, monges, pessoas consagradas e fiéis leigos – a procurarem intensamente a realização da oração que Jesus Cristo dirigiu ao Pai: ‘Para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti [...] e o mundo creia que Tu me enviaste’ (Jo 17, 21)”, lê-se na declaração.

No texto, o Santo Padre e o Patriarca recordaram que o primeiro Concílio de Niceia estabeleceu critérios para a celebração da Páscoa da Ressurreição de Jesus em uma mesma data: “É nosso desejo comum continuar o processo de explorar uma possível solução para celebrarmos juntos a Festa das Festas todos os anos. Esperamos e oramos para que todos os

cristãos, ‘com toda a sabedoria e inteligência espiritual’ (Cl 1,9), comprometam-se com o processo de chegar a uma celebração comum da gloriosa Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Também lembraram os 60 anos da declaração conjunta de São Paulo VI e do Patriarca Ecumênico Atenágoras, em 7 de dezembro de 1965, que pôs fim às excomunhões recíprocas estabelecidas em 1054, o que abriu caminhos de reconciliação, paz e crescente comunhão entre as duas igrejas.

BÊNÇÃO ECUMÊNICA

No domingo, 30, após acompanhar a celebração da Divina Liturgia na Igreja Patriarcal de São Jorge, no Fanar, em Istambul, na festa do Apóstolo André, fundador da Sé de Constantinopla, o Papa Leão XIV assegurou: “A fé de André é também a nossa fé: a mesma professada pelos concílios ecumênicos e transmitida, intacta, pela Igreja ao longo dos séculos”. Também enfatizou que a fé expressa no Credo Niceno-Constantinopolitano continua a ser “um vínculo real de comunhão, que nos permite reconhecer-nos como irmãos e irmãs”.

Ao final, o Patriarca e o Papa foram à sacada a Igreja Patriarcal para conceder, conjuntamente, a bênção ecumênica aos fiéis, em mais um evidente sinal da estrada que vem sendo pavimentada na busca da plena comunhão entre todos os batizados cristãos.

OUTRAS ATIVIDADES DE LEÃO XIV NA TURQUIA



ENCONTRO COM AS AUTORIDADES

Às autoridades turcas, em Ancara, na quinta-feira, 27, o Papa ressaltou que a pluralidade é a riqueza de um país e lembrou que todos devem ser dignamente respeitados como filhos de Deus. Também fez votos de que a Turquia “possa ser um fator de estabilidade e aproximação entre os povos, a serviço de uma paz justa e duradoura”; ao mesmo tempo em que lamentou os intensos conflitos globais, “em que prevalecem estratégias de poder econômico e militar, alimentando o que o Papa Francisco chamou de ‘terceira guerra mundial em pedaços’”.



COM A COMUNIDADE CATÓLICA

Na Catedral do Espírito Santo, em Istambul, na sexta-feira, 28, o Santo Padre lembrou aos bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados e leigos católicos - que perfazem menos de 1% da população local - que “a lógica da pequenez é a verdadeira força da Igreja”. Ele sublinhou que a comunidade católica na Turquia é “fecunda como semente e fermento do Reino”; e a exortou ao diálogo ecumênico e inter-religioso, à transmissão da fé, ao serviço pastoral aos refugiados e migrantes e à perseverança no trabalho catequético.



COM IDOSOS E AS IRMÃZINHAS DOS POBRES

Ainda na sexta-feira, 28, Leão XIV foi à Casa de Acolhimento para Idosos das Irmãs Pobres, congregação fundada em 1839 por Santa Joana Jugan. Ele lembrou que o segredo da caridade cristã é “ser com os outros, em uma partilha baseada na fraternidade”, e falou sobre o verdadeiro sentido da palavra ‘idoso’: “como o Papa Francisco gostava de repetir – os idosos são a sabedoria de um povo, uma riqueza para os netos, para as famílias e para toda a sociedade!”.



VISITA À MESQUITA AZUL

Repetindo o que fizeram seus predecessores – Bento XVI, em 2006, e Francisco, em 2014 –, Leão XIV visitou a Mesquita Sultan Ahmed de Istambul, também conhecida como Mesquita Azul, no sábado, 29. O Papa permaneceu “em silêncio, em espírito de recolhimento e escuta, com profundo respeito pelo local e pela fé daqueles que ali se reúnem em oração”.



MISSA EM ISTAMBUL

“Queremos caminhar juntos, valorizando o que nos une, derrubando os muros do preconceito e da desconfiança, promovendo o conhecimento e a estima recíproca, para dar a todos uma forte mensagem de esperança e um convite a tornarem-se ‘operadores de paz’”, exortou o Papa aos cerca de 4 mil fiéis que participaram da missa, no sábado, 29, na Volkswagen Arena, em Istambul.



ORAÇÃO NA CATEDRAL APOSTÓLICA ARMÊNIA

“É a esta fé apostólica comum que devemos recorrer para recuperar a unidade entre a Igreja de Roma e as antigas Igrejas Orientais que existia nos primeiros séculos. Devemos também inspirar-nos na experiência da Igreja primitiva para restaurar a plena comunhão, que não implica absorção ou domínio, mas uma troca dos dons do Espírito Santo recebidos pelas nossas Igrejas para a glória de Deus Pai e a edificação do corpo de Cristo (cf. Ef 4,12)”, disse Leão XIV na visita de oração à Catedral Apostólica Armênia, em Istambul, no domingo, 30, sendo acolhido pelo Patriarca Sahak II Masalyan.

(Edição: Daniel Gomes/O SÃO PAULO)

O concílio que definiu as bases da fé cristã e a divindade de Cristo

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O primeiro Concílio de Niceia ocorreu em Niceia da Bitínia (atual İzmit, Turquia) entre 20 de maio e 25 de julho de 325. Ele é reconhecido como o primeiro concílio ecumênico da Igreja, palavra que deriva do grego *oikoumenē* e significa “a terra habitada” ou o “mundo civilizado”. Por ter reunido aproximadamente 300 bispos de diversas regiões do Império Romano e do mundo cristão conhecido, esse concílio adquiriu uma autoridade universal.

A reunião somente foi possível porque aconteceu após o fim das grandes perseguições, quando a Igreja desfrutava de liberdade de culto. O imperador Constantino, que havia unificado o império em 324 e via na unidade da Igreja um fator importante para a estabilidade social, apoiou a realização do concílio. Embora não fosse batizado, ele garantiu o encontro ao colocar os serviços do exército imperial à disposição para as viagens e oferecer seu palácio em Niceia.

HERESIA ARIANA

O motivo principal para a re-

alização do Concílio era a “crise ariana”, uma controvérsia teológica que questionava a natureza de Jesus Cristo. O conflito foi iniciado por Ário, um presbítero de Alexandria, que defendia que Cristo não possuía a mesma essência de Deus Pai. Segundo Ário, o Filho era uma criatura excelsa, mas não eterno ou consubstancial ao Pai. Essa doutrina herética, que ameaçava dividir a Igreja, já havia levado à excomunhão de Ário por seu bispo, Alexandre de Alexandria.

No debate conciliar, a defesa da fé tradicional foi liderada por figuras como Osio de Córdoba (aparentemente o presidente das sessões) e o diácono Atanásio de Alexandria (futuramente um bispo influente). A tese ariana, apresentada por seus defensores, como Eusébio de Nicomédia, foi rejeitada pela grande maioria dos bispos por considerarem que ela traía a Tradição Apostólica sobre a divindade de Jesus Cristo.

CREDO NICENO

A decisão doutrinal central e mais duradoura do Concílio foi a formulação do Símbolo de Niceno (ou

Credo). Este texto, autenticado pela maioria dos presentes em 19 de junho de 325, foi redigido com o propósito de estabelecer uma declaração de fé inequívoca contra o Arianismo.

O Credo definiu que Jesus Cristo é “da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não criado”. O termo técnico utilizado para selar a verdadeira divindade de Cristo foi o grego *“homoousios tou Patrou”*, que significa “consubstancial ao Pai”. Essa fórmula estabeleceu a identidade de natureza entre o Filho e o Pai. Apenas dois bispos, além de Ário, recusaram-se a subcrever o documento.

Além da questão doutrinal, o Concílio promulgou 20 cânones (leis eclesiásticas) e estabeleceu a uniformidade para a celebração da Páscoa. Ficou determinado que a Páscoa seria celebrada no primeiro domingo após a primeira lua cheia da primavera no Hemisfério Norte, alinhando-se à prática já estabelecida em Roma e em outras sedes eclesiásticas importantes.

PÓS-CONCÍLIO

Embora Constantino tenha

dado todo o suporte de logística e organização, ele não influenciou diretamente a reflexão doutrinal, menos ainda nas decisões do Concílio. Os registros mostram que o imperador não tinha o conhecimento profundo de teologia para interferir nos debates. Além disso, a principal decisão tomada, o termo “consubstancial ao Pai”, não combinava com suas ideias pessoais, que pareciam pender para uma solução mais vaga e próxima do Arianismo.

Apesar de Ário ter sido condenado, o embate sobre a natureza de Jesus continuou forte depois de 325. A ideia do Arianismo manteve seguidores, e líderes importantes, como Santo Atanásio – que defendeu o Credo de Niceia –, chegaram a ser mandados para o exílio pelo próprio imperador. Isso prova que a aceitação total do que foi decidido no Concílio foi um processo difícil e demorado.

O primeiro Concílio de Niceia, no entanto, firmou a base da fé cristã. O Credo Niceno é alicerce reconhecido por quase todas as grandes tradições cristãs até hoje.

Peregrino da paz e da esperança no Líbano

Em um país que ainda convive com cenários de vulnerabilidades sociais e que está envolto nos conflitos e instabilidades geopolíticas do Oriente Médio, as mensagens do Papa Leão XIV à população do Líbano, entre o domingo, 30 de novembro, e a terça-feira, 2, foram de esperança, especialmente às novas gerações, e de estímulo para que todos ajam para a construção da paz.

Na chegada ao país, ao encon-

O Oriente Médio precisa de novas atitudes para rejeitar a lógica da vingança e da violência; para superar as divisões políticas, sociais e religiosas; e para abrir novos capítulos sob o sinal da reconciliação e da paz. O caminho da hostilidade mútua e da destruição no horror da guerra foi percorrido por tempo demais, com resultados deploráveis que estão à vista de todos. É preciso mudar de rumo, é preciso educar o coração para a paz

(Papa Leão XIV, na conclusão da missa em Beirute, no Líbano - 02/12/2025)

trar-se com as autoridades e representantes da sociedade civil, o Papa lembrou que no Líbano “a paz é um desejo e uma vocação, é um dom e um canteiro sempre aberto”. Lembrou, ainda, que a resiliência “é uma característica imprescindível dos autênticos promotores da paz”, os quais, perante as aparentes derrotas, não se deixam “abater pelas desilusões, mas sabem olhar para o futuro, acolhendo e abraçando todas as realidades com esperança”.

NO TÚMULO DE SÃO CHARBEL



Na manhã da segunda-feira, dia 1º, Leão XIV foi ao túmulo de São Charbel Maklûf (1828-1898), Sacerdote maronita e eremita, um dos Santos mais venerados no Oriente Médio. Em discurso, o Papa comentou que o Espí-

rito Santo moldou São Charbel “para que ensinasse a oração aos que vivem sem Deus, o silêncio aos que vivem no barulho, a modéstia aos que vivem para aparecer, a pobreza aos que buscam riquezas”.

COM O DEUS DE AMOR E MISERICÓRDIA

Na Praça dos Mártires, em Beirute, ainda na segunda-feira, o Pontífice participou de um encontro ecumênico e inter-religioso, durante o qual mencionou os 60 anos da declaração conciliar *Nostra aetate*, que abriu horizontes para o encontro e o respeito mútuo entre os católicos e fiéis de outras religiões. Em um gesto simbólico, Leão XIV plantou e regou um arbusto de oliveira. “Às vezes, a humanidade olha para o Oriente Médio com um sentimento de apreensão e desalento diante de embates tão antigos e complexos. No entanto, em meio a esses conflitos, é possível encontrar um sentimento de esperança e encora-



jamento quando nos concentramos no que nos une: a nossa comum humanidade e a nossa fé em um Deus de amor e misericórdia”, frisou.

VISITA A UM HOSPITAL



Na manhã da terça-feira, 2, Leão XIV visitou o Hospital de la Croix, um dos maiores do Oriente Médio voltado a pessoas com deficiências mentais, administrado pela Congregação das Irmãs Franciscanas da Cruz, situado em Jal ed Dib. “O que se vive neste lugar é uma admoestação para todos, tanto

para a vossa terra quanto para toda a humanidade: não podemos esquecer os mais frágeis, não podemos imaginar uma sociedade que, agarrando-se a falsos mitos de bem-estar, continua a toda a velocidade, ignorando tantas situações de pobreza e fragilidade”, sublinhou o Papa.

ESPERANÇA E CARIDADE

No Santuário de Nossa Senhora do Líbano, em Harissa, também no dia 1º, o Papa exortou a comunidade católica no país a sempre dar sinais da esperança cristã. Ele ouviu testemunhos de dois sacerdotes e de uma religiosa sobre as atividades evangelizadoras e caritativas que mantêm em meio a precariedades sociais e ameaças de bombardeios; bem como o relato de uma refugiada filipina, após o qual o Pontífice exortou a um amplo compromisso para que “ninguém precise fugir de seu país por causa de conflitos insensatos e impiedosos, e para que



aqueles que batem à porta de nossas comunidades nunca se sintam rejeitados”. O Pontífice, por fim, ofertou uma rosa de ouro à imagem da Virgem Maria.

AOS JOVENS: SONHAR, PLANEJAR E FAZER O BEM

“Queridos jovens, talvez vocês lamentem ter herdado um mundo dilacerado por guerras e desfigurado por injustiças sociais. Não obstante, há esperança e ela está dentro de vocês! Vocês têm um dom que muitas vezes nós, adultos, parecemos ter perdido. Vocês têm esperança! Vocês têm tempo! Vocês têm mais tempo para sonhar, planejar e fazer o bem. Vocês são o presente e, nas suas mãos, já está se construindo o futuro! Vocês têm o entusiasmo para mudar o curso da história!”, destacou o Papa no encon-



tro com os jovens em frente à sede do Patriarcado de Antioquia dos Maronitas, em Bkerké, no dia 1º.

OS SONHOS DO PAPA PARA O LÍBANO



Uma multidão de 150 mil fiéis participou da missa conclusiva da viagem apostólica de Leão XIV ao Líbano, na terça-feira, 2, no Beirut Waterfront, na área central e costeira da capital libanesa. O Santo Padre exortou o povo libanês “a cultivar sempre atitudes de louvor e gratidão a Deus”. Também enfatizou: “Cada um deve fazer a sua parte e todos devemos unir esforços para que esta terra possa voltar ao seu

esplendor. E temos apenas uma maneira de o fazer: desarmemos os nossos corações, derrubemos as armaduras dos nossos fechamentos étnicos e políticos, abramos as nossas confissões religiosas ao encontro recíproco, despertemos no nosso íntimo o sonho de um Líbano unido, onde triunfem a paz e a justiça, onde todos possam reconhecer-se irmãos e irmãs”.

(Edição: Daniel Gomes/O SÃO PAULO)

Uma mensagem de unidade e paz para a Turquia, o Líbano e todos nós

Francisco Borba
 Ribeiro Neto*

A primeira viagem internacional do Papa Leão XIV, realizada entre o fim de novembro e o início de dezembro, definiu o tom de seu pontificado: a busca pela unidade e pela paz. O destino não poderia ser mais simbólico: o Oriente Médio. Na Turquia, a visita teve como lema “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5), tendo no logotipo uma imagem da ponte sobre o Estreito de Dardanelos, que une o Oriente e o Ocidente; já no Líbano, o tema foi “Bem-aventurados os que promovem a paz” (Mt 5,9), com o cedro e a pomba simbolizando a reconciliação.

TURQUIA, TERRA DE PROVAÇÕES, MAS ABERTA À UNIDADE

São as primeiras terras a receberem o anúncio cristão, onde aconteceram as primeiras grandes divisões entre os cristãos, mas também onde o diálogo ecumênico tem avançado com tocante espírito fraterno. Estão, ainda, entre as terras em que os cristãos têm sido mais perseguidos e massacrados. Lugares nos quais, hoje, o Cristianismo é minoritário, algumas vezes quase ínfimo, mas onde pode dar um testemunho inequívoco.

Nas palavras de Leão XIV: “Quando vemos com os olhos de Deus, descobrimos que Ele escolheu o caminho da pequenez para descer entre nós [...] Os profetas anunciam a promessa de Deus falando de um pequeno rebento que brotará (cf. Is 11,1), e Jesus elogia os pequenos que confiam Nele (cf. Mc 10,13-16), afirmando que o Reino de Deus não se impõe atraindo a atenção (cf. Lc 17,20-21), mas se desenvolve como a menor de todas as sementes plantadas na terra (cf. Mc 4,31). A lógica da pequenez é a verdadeira força da Igreja. Efetivamente, esta não reside nos seus recursos e nas suas estruturas, nem os frutos da missão da Igreja derivam do consenso numérico, poder econômico ou relevância social. Em vez

disso, ela vive da luz do Cordeiro e, reunida em torno Dele, é impulsionada pelas estradas do mundo pelo poder do Espírito Santo. Nesta missão, é constantemente chamada a sempre confiar na promessa do Senhor: ‘Não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino’ (Lc 12,32)” ([Encontro de oração com os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os consagrados e os agentes pastorais, 28/nov/2025](#)).

O Cristianismo na Turquia tem uma história marcada por transformações dramáticas. A região foi o coração do Cristianismo primitivo e do Império Bizantino, palco dos primeiros oito concílios ecumênicos, entre eles o de Niceia (325), que completa 1.700 anos em 2025. Neste concílio, foi estabelecido o Credo, ponto de unidade teológica do Catolicismo, que, com pequenas mudanças, é repetido até hoje em missas dominicais e festas litúrgicas. Por isso, essa viagem é considerada uma celebração da unidade entre católicos romanos e ortodoxos, aprofundando o caminho, ainda longo, rumo à reunificação das Igrejas Católicas.

Constantinopla (atual Istambul) tornou-se o centro da Igreja Ortodoxa Oriental. O Grande Cisma de 1054 dividiu definitivamente a cristandade em Igreja Católica Romana e Igrejas Ortodoxas, em razão de divergências teológicas, litúrgicas e eclesiológicas (autoridade papal). Com a queda de Constantinopla para os otomanos em 1453, os cristãos passaram a viver como minoria sob domínio muçulmano. O século XX trouxe catástrofes: genocídio e migração forçada praticamente eliminaram a antiga presença cristã no país. Hoje, apenas cerca de 0,2% da população turca (aproximadamente 80 a 100 mil fiéis) ainda permanece cristã e enfrenta obstáculos legais e sociais significativos.

Apesar das provações dos cristãos turcos, Istambul permanece como sede do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, o mais importante da Igreja Ortodoxa. Seu Patriarca, Bartolomeu I, ocupa esta posição des-

de 1991. Grande defensor do diálogo ecumênico, teve uma interlocução fraterna com São João Paulo II, Bento XVI, Francisco e, agora, com Leão XIV. Sua trajetória de aproximação com o Vaticano é fundamental para o diálogo ecumênico contemporâneo.

ONDE A PAZ É DESEJO E VOCAÇÃO

O Líbano, apesar de também verificar uma queda acentuada da população cristã no último século, em função de conflitos internos e migrações, é o país com maior população católica na região. O catolicismo tem peso significativo em um contexto de pluralidade religiosa marcada pelo convívio entre cristãos maronitas, outras comunidades cristãs, muçulmanos sunitas, xiitas e drusos. A Igreja Maronita, em plena comunhão com Roma (mantém a fidelidade ao Papa), é muito relevante na vida social, política e espiritual do país.

O Líbano tem uma curiosa estrutura política, que busca a integração entre diferentes grupos religiosos. O presidente da república é sempre um católico maronita, eleito pelo Parlamento; o primeiro-ministro é um muçulmano sunita, indicado pelo presidente; e o presidente do Parlamento é sempre um muçulmano xiita, também eleito pelo Parlamento, formado por representantes eleitos segundo quotas confessionais.

O país enfrenta graves crises econômicas, instabilidade política e as sequelas das guerras na região. Se isso não bastasse, a explosão accidental de 2.750 toneladas de nitrato de amônio, no porto de Beirute, em 2020, devastou a capital libanesa. A tragédia causou 218 mortes confirmadas, cerca de 7 mil feridos e deixou 300 mil pessoas desabrigadas. Os prejuízos materiais foram estimados em 15 bilhões de dólares. Neste contexto, a visita de Leão XIV é um gesto particularmente significativo de solidariedade e esperança de paz.

Foi justamente o vínculo entre paz e esperança que Leão XIV reforçou em seu discurso às autoridades, à sociedade civil e ao corpo diplomático

em Beirute (30/nov/2025): “Aqui a paz é um desejo e uma vocação, é um dom e um canteiro sempre aberto [...] Resplandece uma qualidade que distingue os libaneses: sois um povo que não sucumbe e que, diante das provações, sabe sempre renascer com coragem. A vossa resiliência é uma característica imprescindível dos autênticos promotores da paz: realmente, a obra da paz é um contínuo recomeçar [...] Perguntai-vos de onde vem a energia formidável que nunca deixou o vosso povo caído no chão [... Foi] sobretudo a língua da esperança, aquela que sempre vos permitiu recomeçar [...] Que possais falar uma única língua: a língua da esperança, que faz com que todos se unam para recomeçar sempre de novo. O desejo de viver e crescer juntos, como povo, faça de cada grupo a voz de uma polifonia”.

Leão XIV sublinhou ainda duas características dos pacificadores: “Não só sabem recomeçar, mas fazem-no sobretudo por meio do árduo caminho da reconciliação. Efetivamente, existem feridas pessoais e coletivas que, para poderem cicatrizar, exigem longos anos, às vezes gerações inteiras. Se não forem tratadas, se não se trabalhar, por exemplo, na cura da memória, na aproximação entre aqueles que sofreram ofensas e injustiças, dificilmente se alcançará a paz [...] Ao mesmo tempo, não há reconciliação duradoura sem uma meta comum, sem uma abertura para um futuro em que o bem prevaleça sobre o mal sofrido ou infligido, no passado ou no presente”. Por fim, o Papa destacou que os pacificadores “ousam permanecer, mesmo quando isso implica sacrifício. Há momentos em que é mais fácil fugir ou, simplesmente, mais conveniente ir para outro lugar. É preciso muita coragem e visão de futuro para permanecer ou regressar”.

Foi uma viagem memorável. Uma grande ocasião para os que vivem naquelas terras, mas também uma grande lição para o mundo.

* Sociólogo e biólogo, é editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.



‘É preciso mudar de rumo, é preciso educar o coração para a paz’, afirma o Papa Leão XIV na missa de encerramento de sua viagem apostólica ao Líbano, realizada na terça-feira, 2, em Beirute